



Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



Dossiê Cinema e Colonialismo

Organizadoras

Bárbara Bergamaschi – Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Bruna Carolina Carvalho – Universidade do Porto, Portugal

Michelle Sales – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Victa de Carvalho – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Um dos textos desta edição (Andermann, 2024) relembra a morna “Sodade”, canção composta nos anos 1950 por Armando Soares: “Quem te mostrou esse longo caminho? Quem te mostrou esse longo caminho? Esse caminho para São Tomé?”, indaga os primeiros versos, em crioulo cabo-verdiano, emendados ao refrão: “Saudade, saudade, saudade, da minha terra de São Nicolau”. “Sodade” canta a despedida de um *kontratadu*¹, estatuto comum aos emigrantes econômicos de Cabo Verde que partiam do cais de São Nicolau em direção à Europa, à América e a outros países da África submetidos a um acordo de trabalho análogo à escravidão. Personagem presente nos filmes de Pedro Costa, o *kontratadu* é uma das várias persistências da sintomatologia colonial – com reverberações não somente econômicas e territoriais, mas também linguísticas, culturais e subjetivas.

¹ A figura do *kontratadu* surge no início do século XIX no rescaldo das secas e crises de fome em Cabo Verde. Tratava-se do acordo para trabalhar por cerca de dois anos nas plantações de São Tomé e Príncipe. Mais tarde, essa condição estendeu-se para outros continentes, em condições semelhantes às dos escravizados e prisioneiros angolanos e guineenses (Andermann, 2024).



“Todo povo colonizado”, escreveu Frantz Fanon já em 1952, “isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local, se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana” (Fanon, 2020, p. 32). A linguagem cinematográfica não escapou dos conflitos e apagamentos decorrentes da invasão de territórios, da exploração econômica, das guerras, de genocídios e extermínios promovidos pelos empreendimentos coloniais ao longo da história. Se, por um lado, o “complexo de inferioridade” enfatizado por Fanon impulsionou criações comprometidas com o reforço estético e discursivo do colonizador, por outro, também cineastas tensionaram a dominação cultural metropolitana e suas consequências para produzir contradiscursos e inventar outras estéticas e possibilidades de resistência.

Antes de o leitor avançar pelos artigos, resenhas e ensaios reunidos sob o título *Cinema e Colonialismo*, propomos um breve recuo acerca do *colonialismo* enquanto conceito. Esta introdução apresenta, no entanto, apenas algumas abordagens para enfrentar esse complexo tema. Outras perspectivas serão oferecidas pelos textos deste dossiê que, esperamos, contribuirão para o debate em torno do colonialismo no âmbito dos estudos cinematográficos. Claro, sem nunca esgotar suas tantas possibilidades de leitura.

De partida, vale distinguir *colonialismo* de *colonialidade*. *Grosso modo*, o colonialismo é como ficou conhecida a experiência histórica nas Américas, na África e na Ásia entre os séculos XIV e XVII durante o período das chamadas grandes navegações e do mercantilismo. Já a *colonialidade* seria uma lógica de poder que extrapola o supracitado período histórico. Refere-se à forma pela qual o colonialismo funciona enquanto política de hierarquizações, produzindo relações de poder. Portanto, como experiência, a colonialidade engendra práticas e lógicas internas de funcionamento que perduram para além do período colonial, mesmo após a independência das colônias. São os processos de endocolonização que ocorrem em todo o Sul Global.

Nesse sentido, o Sul seria uma metáfora e não uma localização geográfica, representaria todas as regiões do mundo submetidas ao colonialismo europeu e que não atingiram os mesmos níveis de desenvolvimento econômico de suas antigas metrópoles (que se autoproclamam “a régua” de referência para todo o Globo). O Sul e o Norte, no entanto, não são homogêneos: há grupos de negros, imigrantes, indígenas e outras minorias que transitam e ocupam os territórios hegemônicos, assim como existem, nos países do Sul, “pequenas Europas”, ilhas de influência compostas pelas elites locais, beneficiárias e herdeiras, até hoje, da dominação colonial e capitalista do passado.

É em torno desse conflito colonial no interior de uma antiga colônia – o Brasil –



que se inscreve o ensaio *Ozualdo Candeias, um cinema da miséria*, de Manoel Ricardo de Lima e Beatriz Pôssa de Carvalho. Nele, os autores analisam a produção deste cineasta marginal, cujas imagens buscavam resistir à estética hegemônica da indústria estadunidense, almejada pela elite nacional. Mesma elite que, em São Paulo, forçou a migração do lumpen da antiga zona de meretrício para a Boca do Lixo, espaço registrado por Candeias onde se reuniam cineastas, atores iniciantes, prostitutas e boêmios. Outro confronto entre centro e periferia na América Latina é abordado por Ana Karen Grunig em *Do mito oral ao mito audiovisual. Uma análise da transposição como experiências narrativas de identidades regionais e subalternas*. O artigo investiga algumas séries audiovisuais argentinas, realizadas fora de Buenos Aires, responsáveis por impulsionar e diversificar a produção cultural do país. As séries em torno de mitologias populares eram um contraponto à nada desprezível guinada neoliberal do país iniciada entre 2010 e 2014.

Ainda nesse sentido, a discussão sobre a perspectiva econômica, materialista e histórica, apoiada na “teoria da dependência”, constrói-se também na proposta de debate trazida por Jailson Ramos e Noel dos Santos Carvalho em *Ainda, uma situação colonial? Uma reflexão sobre a dependência estrutural do cinema brasileiro*. O texto descreve a análise de dados econômicos do mercado cinematográfico, entre 2016 e 2019, para argumentar que o cinema brasileiro, ainda hoje, tem um caráter dependente das empresas de grande capital - nacionais e multinacionais - cuja dominação possui fortes laços coloniais. Já a entrevista *Narrativas decoloniais: a emergência do Cinema Coletivo das periferias de São Paulo* de Irislane Mendes Pereira, Wellington Amorim de Oliveira demonstra como a Coletiva *Maloka Filmes*, atuante na Zona Sul de São Paulo, se beneficiou de novas tecnologias para impulsionar uma significativa expansão na produção audiovisual, contrária a uma lógica da produção industrial, que propõe modos de criação horizontal e colaborativos, essenciais para a concretização de um cinema mais democrático. Ainda no artigo *Figuração e potências da trabalhadora doméstica no cinema recente*, Romane Carriere analisa a presença “fantasmática” e perturbadora da trabalhadora doméstica em filmes de Juliana Rojas, Marco Dutra e Kleber Mendonça Filho. Segundo sua análise, essa personagem surge ou como representação da “má consciência” de seus patrões ou como ressurgência do trabalho escravocrata ainda mal elaborado pela sociedade brasileira.

No entanto, como já sinalizamos anteriormente, a perspectiva econômica e material é apenas um dos aspectos da complexa empresa colonial. A estreita relação entre a cultura e a economia relembra a reflexão desenvolvida por Alfredo Bosi (1996) em *Dialética da Colonização*. Nesse livro, Bosi retoma a origem etimológica das palavras “cultura”, “culto” e “colonização”, que derivam do mesmo verbo latino *colo*. O substantivo



cultus quer dizer, então, não só o cuidado com a terra, mas também o cuidado designado aos mortos, uma forma de cultivar a lembrança, de reviver ou exorcizar o passado. O passado enraíza-se na experiência de um grupo por mediações simbólicas como o canto, a dança, o rito, a oração – e também, por que não: o cinema.

Em *Os condenados da terra* ([1961]/2022), Fanon identifica uma das características mais perversas do colonialismo: o seu poder de deformação das culturas a ele subordinadas. Para o colono, não basta o domínio territorial e o saque dos recursos humanos e materiais da nação colonizada, é preciso também impor uma desfiguração capaz de dilacerar as particularidades culturais, instituindo contradições e distorções. Quijano (2005) faz coro à Fanon, salientando que a dominação colonialista ao redor do mundo também passa por um rígido controle sobre as produções de subjetividade e as relações intersubjetivas. Esta é também uma das constatações de Aimé Césaire, que em seu famoso manifesto “Discurso sobre o colonialismo”([1955]/1978), que demonstra como a colonização se deu não somente por meio do predomínio militar e econômico no território, mas principalmente pelo controle do campo simbólico.

Será justamente a luta pelo resgate da cultura local (suas línguas, gírias, danças, seus ritos, cantos e a sua gastronomia) - apagada pelo imperialismo e epistemicídio europeu de quatro séculos - que marcou a vida e carreira de Sarah Maldoror, considerada a primeira mulher a dirigir um longa em um país africano e que se comprometeu com as lutas anticoloniais e contra o imperialismo em Cabo Verde, Gana, Martinica, Haiti, Argélia, Angola, Moçambique e México. No ensaio crítico *Retrospectiva Sarah Maldoror – entre saberes e sabores indigestos*, Bárbara Bergamaschi faz uma radiografia, entre o pessoal e o político, acerca de uma retrospectiva da cineasta que assistiu na *Cinemateca de Lisboa* (Portugal).

Ao encontro deste debate Maria Bogado, em *Branco sai, preto fica, disputa sonora: por uma escuta em diálogo com o Atlântico negro*, marca os dez anos do lançamento desse filme brasileiro abordando-o pela sua camada sonora, conexas à contracultura musical diaspórica de enfrentamento à episteme ocidental. Enfrentamento semelhante advém no artigo de Rafael de Campos, *Arthur Omar, Trinh T. Minh-ha e as respostas à colonização da representação cinematográfica do “real”*. Campos forja um diálogo entre esses dois cineastas experimentais para refletir sobre como cada um subverteu, pelas margens, as diretrizes do documentário clássico, originado numa perspectiva etno e eurocêntrica.

Ainda que, como afirma Achille Mbembe, o sujeito colonial seja “marcado pelo desejo da sua própria morte por intermédio da morte dos outros” (2014, p. 80), o pensamento pós-colonial, por sua parte, não é antieuropeu. Em vez disso, persegue o entrelaçamento dessa episteme com outras oriundas de diferentes territórios do mundo,



heterogêneo, heteronômico. Seguindo esse raciocínio, Karen Barros da Fonseca, no artigo *Godard em Moçambique: a procura de uma imagem da independência*, concentra-se em pensar o projeto godardiano em Moçambique – nunca concluído – enquanto um produto pós-colonial, uma construção de hibridações entre o “novo” e o “velho” mundo. Tal projeto da produtora *Sonimage*, de Godard, foi esboçado em 1978, logo após a independência do país e da ascensão do seu governo marxista.

Já o artigo inédito de Jens Andermann, gentilmente cedido pelo autor à *Rebeca*, *O porão do mundo: re-encenação e sobrevivência em Pedro Costa*, traduzido por Bruna Carolina Carvalho, ressalta como o Sul Global também coabita o Norte Global e como o passado colonial persiste na diáspora em Portugal. Essas vidas sobressalentes ao centro do poder, experienciadas como fraturas no tempo e no espaço, são marcadas pela emigração forçada, pela discriminação, pelo abandono e sobrevivem em bolsões periféricos nos países desenvolvidos, demonstrando como o *plantationceno* está espreado por todo globo em um “devir-Negro do mundo” (Mbembe, 2014).

Entre o arcaico e o contemporâneo, que não cessa de repetir o passado, diversas pesquisadoras feministas e de gênero inauguraram novos capítulos nos estudos coloniais a partir da crítica à família burguesa ocidental. María Lugones (2014) e Silvia Federici (2017) mostram como implicações ligadas ao gênero e à sexualidade são parte do dispositivo colonial de poder. A estratégia de controle biopolítico deu aval aos colonizadores para desumanizar os povos indígenas, diferenciando estes da categoria ontológica do “homem”. A masculinidade e a feminilidade configuraram-se, portanto, como ideias morais oriundas de um processo civilizatório.

Desse modo, a colonialidade transborda e se desdobra também nas ideologias de raça, nas formas contemporâneas de xenofobia, na organização nuclear da família burguesa, em regras comportamentais de gênero e no controle dos corpos e da sexualidade. A lógica do imaginário colonizado, que Suely Rolnik (2016) denomina como “inconsciente colonial capitalístico”, uma perspectiva “antropo-falo-ego-logocêntrica”, fundou formas de poder que são interiorizadas no sujeito. Esta perspectiva é colocada em causa e analisada no artigo *Um corpo-filmico doente: subversão formal e potência de vida em E Agora? Lembra-me*, de Lucas Camargo de Barros e Fabián Vivar. Debate semelhante ocorre também no artigo *Do canibalismo cósmico às (re)figurações coloniais da máquina-boca no filme O clube dos canibais*, de José Laerton Santos da Silva e Daniel Meirinho, que parte do filme *O clube dos canibais* (2018) para pensar como a heteronormatividade e a violência sexual caminham de mãos dadas com a herança colonial. Os autores demonstram também como a representação de pessoas negras nesse filme de terror contemporâneo ainda pode ser pensada como uma alegoria biológica da fome e a devoração extrativista colonial.



Além disso, a presente edição conta ainda com três resenhas de livros que aproximam o debate colonial das demandas ecológicas do presente, que se tornam cada vez mais urgentes, uma vez que o famigerado aquecimento global está dando lugar à nova era da “fervura” global. Em *Uma ecologia decolonial. Pensando futuros emancipatórios em um navio-mundo capaz de reunir, escutar e celebrar os encontros*, Catarina Andrade faz uma análise do livro do engenheiro ambiental, cientista político e pesquisador martinicano Malcom Ferdinand, autor que propõe um fazer-mundo dentro de uma perspectiva decolonial crítica capaz de vislumbrar uma outra forma de viver e habitar o mundo. Já na resenha *O Antropoceno nos nossos apartamentos por uma Amazônia sensível em Emanuele Coccia*, Ribamar José de Oliveira Junior produz um sensível texto em primeira pessoa em que busca colocar em prática as premissas do livro de Coccia no seu cotidiano, utilizando a floresta amazônica como uma lente sensível para “erotizar as relações interespecíficas”, para criar uma “comunidade de sonho”. Na terceira e última resenha desta edição, intitulada *As brancas nuvens não se desmancham no ar: uma visão antirracista do colonialismo digital*, Taynara Gregório Santos e Bruna Távora apresentam o novo livro *Colonialismo Digital - Por uma Crítica Hacker-Fanoniana (2023)* de David Faustino e Walter Lippold. Na resenha as autoras demonstram como o colonialismo hoje se espraia no universo digital e que, apesar de fortemente marcado pela metáfora da “nuvem”, nada tem de imaterial, uma vez que para a economia de dados existir é necessário explorar cobre, ferro e outras matérias-primas em terras do Sul Global.

Por fim, voltamos a atenção ao território onde transcorre cotidianamente um dos mais hediondos massacres coloniais de agora: o Estado palestino. Karina Gomes Barbosa e Rodrigo Castro são os autores de *O cinema de Larissa Sansour e a solução de um Estado no conflito Israel-Palestina*, que busca compreender como a cineasta palestina mobilizou a luta anticolonial contra a ocupação sionista por meio da análise do filme *Patrimônio Nacional (2013)*, relacionando-o aos recentes acontecimentos pós 7 de Outubro de 2023 que vitimaram, até maio e segundo estimativas da ONU e da OMS, mais de 1,1 mil israelenses e 35 mil palestinos².

É um lugar comum reivindicar a pertinência de um assunto por meio de sua atualidade. Mas o *colonialismo* e a *colonialidade*, sua forma extrapolada no tempo e no espaço, são princípios fundamentais para as lutas materiais, epistemológicas e hermenêuticas caras ao nosso tempo: os genocídios, os epistemicídios, as crises ambiental e climática, a injustiça social, o racismo, a desigualdade entre os gêneros, a

² Segundo AFP, Agência de notícias Francesa, em matéria publicada pela Carta Capital em 14-05-2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/onu-estima-que-56-dos-civis-mortos-em-gaza-sejam-mulheres-e-criancas/> Acessada em 28-06-2024.



xenofobia. A batalha é também travada no campo das imagens – discutamos, então, sua produção e reprodução.

Boas leituras

Organizadoras

Bárbara Bergamaschi

Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com período de intercâmbio doutoral (bolsa CAPES-Print) na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa do Porto (EA-UCP-Porto). Integrante do Grupo de Pesquisa Cultura, Mediação e Artes (CM&A) no ICNOVA de Lisboa. É pesquisadora vinculada ao Projeto Ghost (IELT—NOVA) e ao Grupo de Pesquisa Fotografia, Imagem e Pensamento (CNPq). Lisboa, Portugal.

E-mail: barbarabergg@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7243-261X>

Bruna Carolina Carvalho

Doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com bolsa de Doutorado da FCT (Ref.: 2022.13315.BD). Sua parte nesta edição foi realizada no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020) - <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>. Porto, Portugal.

E-mail: brunacarolinadomingues@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3750-235X>

Michelle Sales

Doutora em Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Realizou pós-doutoramento em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, Portugal, e em Comunicação Social, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora associada da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídias da Universidade Estadual e Campinas (Unicamp). Coordenadora da Rede de Pesquisa Cinemas Pós-Coloniais e Periféricos, no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro (RJ). Brasil.

E-mail: sales.michelle@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1589-4003>

Victa de Carvalho

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora associada da Escola de Comunicação da UFRJ e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da mesma universidade. Integrante o Grupo de Pesquisa N-Imagem e vice-coordenadora do Grupo de pesquisa Fotografia, Imagem e Pensamento (CNPq). Rio de Janeiro (RJ). Brasil.

E-mail: victacarvalho@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7115-6545>



Referências

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978. Trabalho original publicado em 1955.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. Colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Trabalho original publicado em 1952.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Lígia F. Ferreira e Regina S. Campos. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2022. Trabalho original publicado em 1961.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**. 22 (3): 320, setembro-dezembro. Florianópolis, 2014. p. 935- 952.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 29 jun. 2024.

ROLNIK, Suely. A hora da micropolítica. [Entrevista cedida a] Fernández Polanco e Antonio Pradel. **Humboldt: revista do Goethe Institut Brasilien**, Munique, jun. 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/col/20790860.html>. Acesso em: 29 jun. 2024.